

Enfermidades que causaram epidemias em séculos passados voltam a crescer e preocupam especialistas do DF. Na capital federal, são registrados, por ano, uma média de 1.770 novos casos de sífilis, hanseníase e tuberculose

CORREIO BRAZILIENSE

Doenças recorrentes

ROYÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Doenças antigas, que marcaram a história das graves epidemias no Brasil, caíram nas estatísticas, foram esquecidas pela população e não despertam mais tanta atenção dos profissionais médicos. Mas elas não sumiram e continuam a trazer seqüelas e a matar. No Distrito Federal, a Secretaria de Saúde pretende reduzir até o final de 2005 o número de casos de pelo menos três de seis enfermidades endêmicas que cresceram ou mantiveram constante o número de vítimas nos últimos dez anos.

A sífilis, a hanseníase e a tuberculose são responsáveis, em média, por 1.770 novos casos todos os anos. O doente, na maioria das vezes, é desinformado, não percebe os sintomas e só procura ajuda numa fase avançada e de grande risco de contágio.

Um problema para a saúde pública, que vive sob a ameaça de novos surtos de enfermidades que se acreditava dizimadas ou sob controle. "Precisamos de campanhas para que as pessoas identifiquem os sintomas e deixem os médicos em alerta de que essas doenças ainda existem no DF", alerta Disney Antezana, diretora da Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde. As outras três doenças que preocupam são as hepatites virais (tipos A, B e C), a leptospirose e a leishmaniose. Dessas, a hepatite é a que faz mais vítimas, uma média de 1,5 mil casos por ano.

A sífilis acaba de completar cem anos da descoberta do agente causador — a bactéria *Treponema pallidum*, descoberta em 1905 por médicos alemães. Apesar de centenária, a doença ainda é cercada pelo preconceito, principalmente entre os homens, que resistem ao tratamento. "Ele acha que não tem a doença porque o sintoma inicial, uma ferida inodor que surge geralmente no pênis, sara sem tratamento, embora a pessoa não esteja curada", comenta o ginecologista Valdir Monteiro Pinto, responsável pela Unidade de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde.

Se o parceiro resiste ao tratamento, a mulher é contaminada. No DF, a sífilis apresenta estatística crescente. O esforço é para reduzir os casos congênitos, em que a doença é transmitida de mãe para filho durante a gestação. Em 2003, 120 bebês nasceram com sífilis congênita. No ano passado, os dados preliminares apontam para 144 casos. "Notamos que a doença ocorreu porque a mulher começou o pré-natal tardiamente", explica o médico Avelar de Holanda Barbosa, coordenador do Programa da Mulher na Secretaria de Saúde do DF. Segundo ele, se a mulher começa o tratamento até o terceiro

mês de gravidez, a doença não é transmitida para a criança.

Em algumas regiões do DF, a incidência da sífilis em mulheres grávidas supera a média nacional, de quatro casos notificados por mil nascidos vivos. Na região do Lago Norte, por conta da comunidade carente do Varjão, são 6,7 casos em cada grupo de mil. Em seguida, vêm Recanto das Emas, com 6,3 ocorrências, e Santa Maria, com 6,2. A média do DF, em 2004, é de três casos por mil nascidos vivos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera aceitável apenas um caso por mil nascimentos.

"Vai demorar de quatro a cinco anos para chegarmos a essa meta", projeta Avelar, nomeado presidente do recém-criado Comitê de Combate à Sífilis no DF. Além da falta de médicos nos centros de saúde, às vezes falta também o reagente para o VDRL, exame de sangue que detecta a presença da bactéria. Quando não provoca aborto, a sífilis congênita causa sérios danos à saúde do bebê, como baixo peso, aumento do fígado e do baço, lesões na pele, surdez, deformações ósseas e dificuldade de aprendizado. No Brasil, a sífilis em gestantes é quatro vezes maior que o vírus da Aids. São 937 mil novos ca-

sos anualmente. Este ano, o Ministério da Saúde deve lançar campanha para alertar a população sobre a doença e o tratamento eficaz, à base de penicilina.

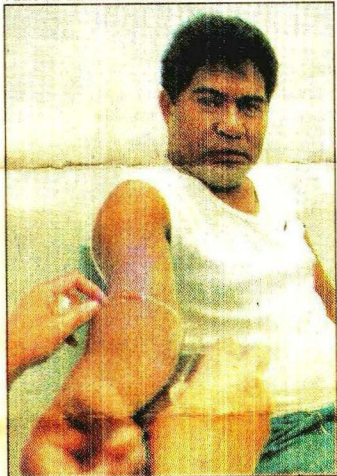
Mosquito

O DF também não consegue eliminar doenças típicas de regiões carentes, onde há precariedade das condições sanitárias. O

número de casos autoctones (contaminação dentro do DF) de leishmaniose, ou ferida brava, aumentou nos últimos anos. De 1990 a 2002, houve registro de apenas três casos. Em 2003, foram 29 ocorrências. Brazlândia, Gama, São Sebastião e Samambaia são consideradas áreas de risco. A leishmaniose chega ao homem pela picada de um mosquito, conhecido em algumas regiões por cangalhinha ou birigui.

O inseto tornar-se um vetor da doença ao picar um animal contaminado. Ao picar o homem, retransmite o parasita. O caminhoneiro Francisco Andrade, 42 anos, acredita que contraiu a doença nos tempos de garimpos de ouro no Amazonas e Pará. "Tive malária e agora essa tal de leishmaniose que nem sabia que existia", conta o morador do P Sul, na Ceilândia, que ficou cinco anos sofrendo com feridas internas no nariz e sangramento até procurar ajuda médica. "Achei que a ferida era por conta dos remédios que usava para desentupir o nariz." O tratamento é longo e doloroso, mas eficaz na cura em cerca de 80% dos casos.

Paulo H. Carvalho/CB/31.3.05



APÓS CINCO ANOS, FRANCISCO BUSCOU AJUDA CONTRA A LEISHMANIOSE